

Minha vida no movimento e o movimento em minha vida

MOSHÉ BENDKOVSKI

Cheguei ao *snif** em São Paulo nos anos de 1950, um salão grande, feio, com um pequeno palco, depois de escalar incontáveis degraus, sempre na esperança de que a porta de entrada estivesse aberta. Parecia o cenário descrito por Franz Kafka no livro *Em frente ao portão da lei*. Uma história curta sobre a espera passiva diante um portão aparentemente fechado, sem ao menos tentar passar por ele.

Em frente ao *snif* estendia-se um parque enorme, o Jardim da Luz, com inúmeros *bogrim** caminhando por entre as árvores, discutindo problemas do mundo. Não tenho ideia de que nível de ingenuidade se atingia nestas discussões, mas uma ficou muito clara para mim, que é a de incentivar o envolvimento, contribuir com sua parte.

Aprendemos no movimento que não basta tomar apenas uma posição, é preciso também colocá-la em prática. Naqueles anos em que estive no movimento Dror – e suas diversas variantes – eu tinha a sensação de *movimento contínuo*. A passagem de uma etapa etária para a outra, de cidade a cidade, focando no *kibutz* Erez, e depois Bror Chail. Será que a isso nos referimos quando dizíamos *Perpetuum mobile*?

Tive o privilégio de nascer em 1938, em Salvador, na Bahia, filho de imigrantes poloneses recém-chegados de seu país natal. A maioria de meus familiares, os próximos na fila da imigração, não teve essa oportunidade. Não sei explicar como meus pais conseguiram. Vieram sem formação ou posse e se instalaram nas colinas de Salvador. Foi uma epopeia de imigrantes destituída de qualquer glória. Morávamos na Ladeira do Desterro. Meus olhos azuis provocavam o espanto dos vizinhos, a maioria dos quais negra ou mulata. Lá recebi meu primeiro apelido pejorativo – você é “alemão”, apelido que foi depois substituído por “judeu”. Em resumo, “gringo”. Perto de minha casa havia muitas igrejas e mosteiros, de forma que ouvia mais a *Ave-Maria* do que qualquer cântico judaico. Vocês leram *Memorial do Convento*, de Saramago? A pergunta cabe em decorrência das melodias já mencionadas. Além

disso, recomendo a leitura do *Ensaio sobre a cegueira*, do mesmo Saramago, e *Ensaio sobre a visão clara* – livros que tratam da ausência de visão, do indivíduo e da sociedade, o “não vimos e não soubemos”, que nos livra de tomar uma posição.

Na cidade havia uma coletividade judaica pequena, e na escola judaica aprendi o *idisch*, será que a professora era “bundista”? Vai saber... (em *idisch*, esses trocadilhos soam melhor). Claro que toquei infundáveis horas de violino, uma sinfonia inacabada. Espero que meus pais não tenham descoberto o segredo da minha perseverança – entre as notas musicais estavam escondidos livros de Monteiro Lobato. Meus pais, como já disse, não tiveram uma escolaridade ordenada, acreditavam muito nos estudos como incentivo para a melhoria das condições de vida do indivíduo e de seu progresso. “Que não se torne um *klienteltchik* (vendedor ambulante) como seu pai!” era o refrão que eu ouvia. Acreditavam num futuro promissor para mim.

Só mais tarde entendi a dor que lhes causei no dia em que lhes comuniquei que seria um pastor de ovelhas no *ķibutz*, e, portanto não havia sentido continuar a estudar – certamente não estudos clássicos, minha paixão secreta e manifesta. Para mim estava claro, já naquela época, que eu não tinha aptidão para estudos técnicos, minhas mãos não se entendem uma com a outra, o que, segundo orientação do movimento, traz benefícios.

Sáimos de Salvador e, nos princípios dos anos de 1950, minha família chegou a São Paulo, ao bairro judeu da época, Bom Retiro, e bem rápido encontrei-me pertencendo ao movimento Dror. Na hora em que escrevo essas memórias, sabedor do fato de que a memória escolhe os eventos, muda a sua ordem, e às vezes os melhora, a norma prevalecente é “agarre quanto puder”. Na linguagem do passado, *carpe diem* (aproveite o dia), e na linguagem das crianças: “eu quero”.

Parece-me que foram coisas diferentes que me encantaram então no movimento que listarei a seguir, não necessariamente na ordem proposta. Antes sugiro a leitura de *Reshit* (Começo), de Meir Shalev. Muito mais interessante do que o escrito a seguir. Meir Shalev nos ensina que se pode ler de forma diferente textos conhecidos. O leitor não é obrigado a concordar com a opinião do escritor, mas lhe é dada a oportunidade de entabular um diálogo intelectual com uma visão diferente da aceita.

A relação com os livros

Apesar de estudarmos literatura nas escolas, principalmente literatura portuguesa – e certamente não literatura moderna –, sabia o que esperavam de mim quando escrevia “a minha opinião”, ou seja, lembrar a opinião do professor sobre aqueles trechos. Com minhas primeiras economias comprei um livro, que guardo até hoje: desenhos de Käthe Kollwitz¹¹⁷ – *O Coração Bate para a Mãe* (tradução livre do título em alemão), desenhos que acentuam o sofrimento e a compaixão.

¹¹⁷ Artista que deixou sua marca na pintura e escultura alemãs da primeira metade do século XX. Suas obras refletem fascinação pela classe obreira, sensibilidade pela condição humana da gente pobre, dos vitimados pela fome e pelas guerras. Ela própria perdeu um filho na Primeira Guerra Mundial e um neto na Segunda. Uma de suas obras trata do assassinato do revolucionário Karl Lieknecht em 1919. Em Berlim, na rua Fasanenstrasse, se encontra o Museu Käthe Kollwitz.

No movimento, tínhamos uma bibliografia adequada a cada faixa etária – os mais audaciosos entre nós descobriram o prazer da leitura de “livros proibidos”, isto é, os livros indicados para uma faixa etária mais velha. Pelo visto, céus e livros roubados são mais doces.

Em todo o caso, desvendou-se diante de nós todo um universo. A descoberta de que o homem pode navegar por novos mundos, e, às vezes, o leitor também embarca no roteiro dessa navegação. Tomei conhecimento de que não só a escrita é criativa. Hoje estou convencido de que parte daqueles livros foi escolhida por se enquadrar na literatura engajada, quer dizer, literatura que propõe soluções radicais e inequívocas para os problemas dos judeus e dos homens enquanto homens. Essas soluções implicavam a mudança das estruturas e dos modelos de pensamento, com vistas a uma sociedade mais igualitária e mais justa.

Lemos muito Romain Rolland (em que volume você está do *Jean Christophe*?), Roger Martin Du Gard (o quê? você não leu *Os Thibault*?), Knut Hamsun, John dos Passos, Ernest Hemingway, tudo o que estivesse ligado à Guerra Civil Espanhola. Esses livros despertaram vivências, inclusive da juventude, que não eram discutidas em outros âmbitos, e nos davam a sensação de derrubar barreiras do tempo e do espaço.

Os sinos dobraram para nós. A origem dessas palavras, que aparecem também no título do livro de Hemingway, encontra-se longe no tempo em John Donne (1573-1631), poeta e sermonista.

Nenhum homem é uma ilha; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. **E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.**

No presente, nesses dias de especialização e progresso em alguns setores, às vezes temos a sensação de que tanto detalhe e aprofundamento na estrutura de um dedo nos tira a capacidade de ver o corpo (tomei cuidado para não utilizar o conceito “alma”).

Oposição às normas existentes

Inverter pirâmides (já lembrei o insulto “pequeno-burguês”?). Mesmo se você luta contra moinhos de vento – o que ficou claro numa visão retrospectiva –, melhor assim do que dominar os moinhos nos quais não há vento (espírito?). Já entre os mais jovens se realizaram incontáveis palestras, e também, lembro-me bem, júris simulados, que julgavam, condenavam ou absolviam assuntos como a eutanásia, por exemplo. Assistíamos, no mesmo palco improvisado do *snif*, a peças teatrais de arrancar lágrimas pelo sofrimento dos trabalhadores, o teatro proletário. Aprendemos também a dançar diferentemente as abomináveis danças de salão (notei que a palavra *snif* uma vez teve um significado diferente em hebraico¹¹⁸).

¹¹⁸ No cotidiano de Israel a palavra *snif* designa agência bancária ou comercial, que nada lembram o significado do *snif* do movimento juvenil, veja *snif* no glossário.

A capacidade de conversar

De forma retroativa, revelaram-se conflitos entre o item anterior e o item de nossa capacidade de conversar. Conversamos muito, se bem que nem sempre se realizava um diálogo no sentido de que cada um escutava o outro, mesmo quando as opiniões eram discordantes.

Falamos, e da mesma forma, cantamos muito na primeira pessoa do plural: *anu hachalutzim* (“nós, os pioneiros”), *anu banu hartza livnot ulhibanot ba* (“Nós viemos a Israel para construir e nos construir”), *ma hod tevaqshi mehitanu mechorá* (“o que mais pedirá de nós, Pátria”), e outros. A ênfase era sempre dada ao conjunto, mesmo quando falávamos em *hagshamá atzmit* (autorrealização). A intenção era juntar o eu ao coletivo (veja o conceito “egocentrismo” no dicionário de hoje).

É certo que, pelo modo de ver da juventude, procuramos esclarecidos no deserto burguês e nem sempre distinguimos uma vela de um farol.

Trabalhei em diversas cidades, como Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e São Paulo.

Comemorei meu aniversário de 18 anos a caminho de Belo Horizonte. Havia sido enviado para um *snif* com poucos participantes e muito tempo livre. Não cogitei seguir os estudos normais. Optei por um programa de leitura eclética. Morei durante muitos meses numa pensão, num quarto que dividia com motoristas de ônibus, pois o dinheiro era escasso, e também para sentir na carne o valor da proletarização¹¹⁹.

*Hachshará**

Quando cheguei à *hachshará*, vivenciamos pela primeira vez uma vida em conjunto em condições materiais relativamente restritas, de trabalho físico, capinar campos infundáveis. É possível que esta experiência tenha facilitado nossa absorção nos *ķibutzim* em Israel. Em todo caso, na *hachshará* constatei o óbvio: minhas mãos não agem com harmonia. Que profissão escolherei?

Nunca havia me deparado com ovelhas frente a frente, mas me lembro que vi um cordeiro simpático ao ler o *Pequeno Príncipe* e resolvi ser pastor de ovelhas. Eu havia decidido me tornar um novo homem. Segundo minha compreensão na época, a história do povo judeu focalizava-se em dois polos: o passado mitológico bíblico e o presente. Neste, desabrocha aquele novo homem, apaixonado pelo trabalho e pela terra, em meio à escuridão da Diáspora, caracterizada pelo sofrimento, errância e dependência ora de um povo, ora de outro. Temos que nos desligar deste passado diaspórico para podermos florescer novamente.

Pensamentos e reflexões

Eu espero que essa visão simplória do passado como gerações de lamento não venha a ser um lamento por gerações. Toda visão generalizada peca pela falta de

¹¹⁹ Veja comentários e referências à proletarização nas memórias de Evyatar (Sigue) Friesel e de Nachman (Nunho) Falbel e os documentos “A posição do movimento perante a proletarização” de Nuchem (Nachum) Fassa, 1950, e “Profissionalização” nos apêndices.

exatidão histórica – nós devemos analisar o acontecimento específico além da generalização –, mesmo que esta se baseie em fatos que se repetem (deportação, sofrimento, dependência etc.), porém, devemos abrir as portas para a cultura diferente dos judeus da Holanda, Itália, Iêmen etc. O *idisch* não é somente um jargão da Diáspora, mas também uma caixa cultural que não deve ser obstruída.

Vim para Israel e, depois de um período de *hachshará* no *kibutz* Ramat Yochanan, trabalhando na colheita de frutas, ceifa etc., me dediquei à criação de ovelhas, primeiro no *kibutz* Erez e depois em Bror Chail. No pasto, dissipou-se minha esperança de ler um livro. O sol israelense não foi camarada comigo e muito rapidamente estampeei nas faces a bandeira vermelha.

Depois disso consegui estudar e lecionar no Instituto Educacional do Shaar Haneguev, onde tentei seduzir menores para a leitura. Às vezes consegui ouvir um clique de pensamento próprio, de dúvida, de visão diferente, de olhos cintilantes. Afinal, não viemos santificar posições, porém cristalizar opiniões.

Vim, vi, tentei.

Tentei, às vezes, ser um guia, às vezes, um revoltoso do caminho, e, nos momentos de alegria, estar junto com meus alunos na trilha.

Tive também o privilégio de ver meus netos estudarem na mesma escola do Shaar Haneguev.

Passaram-se anos e o *kibutz* vestiu uma nova forma. Será que ele também se despe de sua forma? Leiam, por favor, *Quadros da vida campestre*. Sem analogias, mas com a pergunta típica do filho de alfaiate polonês. O filho que se revoltou contra as roupas antigas, sonhou mudar o homem, a língua e o país.

Em todo o caso, mesmo que tenhamos que rolar para cima (em movimento contínuo) a pedra que despenca, mais uma vez, é importante saber que a pedra não está dentro de nossa alma (por favor, leiam *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus, é claro).

Traduzido do hebraico por Markin Tuder.

